

## A CRÔNICA DE JORNAL E O HIBRIDISMO DISCURSIVO: A LEITURA CRÍTICA DO TEMPO PRESENTE

Isabella Thais Figueiredo (IC) e Profa. Dra. Ana Lúcia Trevisan (Orientadora)

**Apoio:** PIBIC Mackpesquisa

### RESUMO

A pesquisa que originou este artigo teve por objetivo investigar as estratégias discursivas do gênero crônica que dão suporte à construção de uma reflexão crítica acerca do tempo presente. Isto é, quais são os recursos utilizados pelos cronistas que pretendem retratar a realidade num ponto de vista denunciativo e compreender de que forma os aspectos inerentes à crônica propiciam essa releitura sobre a atualidade. O referencial teórico busca resgatar definições elementares do gênero, no que tange aos aspectos formais primários. A ideia central foi investigar se as características do gênero, bem como as articulações que a crônica sugere enquanto texto, contribuem para uma intentada crítica social/política e, conseqüentemente, para narrar a realidade atual de forma efetiva, fidedigna e coerente. O foco de análise foi designado à teoria dos pactos da veracidade e da ficcionalidade, na compreensão de que a crônica não está comprometida com a veracidade, o que não a impede de veicular verdade, pelo contrário, essa não obrigatoriedade possibilita que essas crônicas alcancem destinos mais diversos e ricos. Foram analisadas crônicas de Antonio Prata, autor que escreve para a Folha de S. Paulo aos domingos no caderno Cotidiano. A faixa temporal escolhida foi o período das últimas eleições gerais brasileiras (2018) e o que foi publicado imediatamente depois, o que abarca o ano de 2019. Esse conjunto de crônicas selecionadas serviu como objeto de análise que, atreladas à teoria lida, exemplificam o argumento desenvolvido neste artigo, na defesa de que a crônica, tanto por suas propriedades inerentes ao gênero quanto pelos recursos estilísticos e discursivos dos quais se apropria, é um instrumento eficaz no relato da realidade do tempo presente.

**Palavras-chave:** Crônica. Ficcionalidade. Veracidade.

### ABSTRACT

The research that originated this article aimed to investigate the written strategies of the chronicle genre that support the construction of a critical reflection about the present time. In other words, what resources are used by chroniclers who intend to portray reality from a denunciative perspective and understand how the aspects inherent to the chronicle provide this reexamination regarding the present. The theoretical framework seeks to rescue elementary definitions of the genre, with regard to the primary formal aspects. The central idea was to investigate whether the characteristics of the genre, as well as the articulations that the chronicle suggests as a text, contribute to an attempted social/political criticism and,

consequently, to narrate the current reality in an effective, reliable and coherent way. The focus of analysis was assigned to the theory of pacts of veracity and fictionality, in the understanding that the chronicle is not committed to veracity, which does not prevent it from conveying truth, on the contrary, this non-obligation allows these chronicles to reach even more diverse and affluent destinations. We analyzed chronicles of Antonio Prata, author who writes for Folha de S. Paulo on Sundays in the daily section. The chosen time range was the period of the last Brazilian general election (2018) and what was published immediately afterwards, which covers the year 2019. This set of selected chronicles served as an object of analysis that, tied to the theory read, exemplifies the argument developed in this article, in defense that the chronicle, both for its properties inherent to genre and by the stylistic and discursive resources of which it is appropriated, is an effective instrument reporting reality of the present time.

**Keywords:** Chronicle. Veracity. Fictionality.

## 1. INTRODUÇÃO

Muitos aspectos já foram consolidados a respeito da crônica, porém, por ser considerado, em alguns estudos críticos, um gênero de menor relevância, muito há, ainda, a ser debatido sobre os efeitos de sentido proporcionados pela crônica e as formas com que eles se manifestam. Por se tratar de uma construção textual não muito extensa, a crônica deve atingir seu objetivo – seja ele qual for – de forma contundente. As estratégias narrativas contribuem para que o efeito surtido no leitor seja imediato, por exemplo: o humor capta a atenção do leitor e o envolve; a ironia pode ser incisiva e cortante, de uma crítica da qual não podemos escapar; a memória do cronista de sua vida pessoal, eventos passados ou fatos históricos atribuem valor e autoridade à posição adotada e à reflexão proposta.

Ao reunir proposições acerca da crônica, o presente artigo pretende traçar uma delimitação conceitual acerca da crônica e de seus aspectos estruturais, a partir das ideias de Candido, Sá e Arrigucci, elencando suas características fundadoras tais como a brevidade, o tom de comentário e o hibridismo que o gênero sugere (transitando entre jornalismo e literatura); investigar os limites encontrados na escrita da crônica, que varia entre os discursos da veracidade e da ficcionalidade, apoiando-se na teoria de Eco, Hanciau e Mignolo, no objetivo de chegar à compreensão da discursividade híbrida do gênero e o que isso implica na escrita da crônica enquanto texto.

Passado esse primeiro momento conceitual e posterior discussão dos referenciais teóricos, faremos a leitura das crônicas analisando-as à luz da teoria e dialogando diretamente com o argumento que o artigo pretende afirmar: os textos curtos não noticiosos que são veiculados em jornais, como é o caso das crônicas, são capazes, muitas vezes, de retratar a realidade mais próxima do que ela de fato é, isso porque transformam em narrativa fragmentos do que é verificável na vida cotidiana e pública, transpassando os limites da imparcialidade proposta pela prática jornalística e da representação fechada em si mesma da escrita estritamente literária.

Em outras palavras, a crônica é um gênero que transita entre dois universos: jornalismo e literatura, discursos que, em hipótese, partem de dois pactos distintos, a veracidade e a ficcionalidade. E é através desse limiar que o presente artigo acredita constituir a riqueza do hibridismo da crônica e do que ela é capaz de realizar, como é o caso dos textos que se propõem refletir ativamente o que se passa na esfera pública dos acontecimentos políticos de uma nação, bem como dos costumes e interações

entre os agentes sociais que atuam nessa sociedade – o cidadão comum e aqueles que narram a realidade compartilhada.

De forma geral, o artigo visualiza a razão de existência da crônica pelo ato de contar o presente sob um ponto de vista crítico e reflexivo, ajudando a construir a memória histórica de um país, evidenciando as minúcias de um contexto sócio-político problemático, e, por vezes, servindo como um respiro criativo acerca da realidade estanque, tudo isso sem perder o seu ar de casualidade e magia. A proposta do presente artigo é demonstrar de que forma o gênero tem êxito tanto na imediata recepção do público que tem a crônica como uma boa fonte de atualização do que acontece à sua volta, quanto no exercício da função documental a longo prazo.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Jorge de Sá, em seu livro “A Crônica”, delinea com maestria conceitos básicos da crônica. Logo no primeiro capítulo intitulado “uma definição, o autor, além de admitir uma responsabilidade grande à crônica, afirmando que a literatura brasileira teve início com ela, através da Carta de Pero Vaz de Caminha, ele também atribui certas afirmações a respeito do gênero. O autor diz ser o princípio básico da crônica “registrar o circunstancial”, componente este que reitera a função da crônica servir como um relato fiel às circunstâncias ao retratar a realidade, já que esta seria “feita de pequenos lances” (cf. SÁ, 1987, p. 6). Assim, esse precioso instante de recorte da realidade vem através da observação de um evento social ou uma situação cotidiana sob o olhar atento do cronista, frequentemente numa metáfora que remete a situações universais e, dessa forma, alcança o leitor.

Pela captura desse instante, Sá entende que o cronista será capaz de narrar os acontecimentos fielmente ao “explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias” (cf. Sá, 1987, p. 10) é a partir dessa ideia que se funda um dos objetivos deste trabalho: identificar quais são as potencialidades possíveis na construção da crônica que culminam no efeito crítico pretendido. Ou seja, o uso da linguagem e a intersecção com a literatura são alguns dos fatores que permitem à crônica alçar voos em muitas direções, numa gama de possibilidades entre assuntos, temáticas e abordagens.

Sá ainda faz a aproximação entre jornalismo e literatura encontrada na crônica, ao propor que o jornalismo é também “uma forma literária de registrar os acontecimentos dando-lhes maior carga de emoção e verossimilhança, ainda que o faça através do humor.” (SÁ, 1987, p. 32). Concernente aos aspectos estéticos do

gênero, o autor explica que os leitores de uma crônica são na verdade coautores dela, visto que a base da crônica é justamente o diálogo. Pode-se pensar que é por meio desse contato aproximado com o leitor, colocando-o como agente ativo, que a crônica tem seu êxito comunicativo.

Outras características da crônica são definidas por Sá ao longo de sua apresentação expositiva do gênero, e, ao estabelecer um panorama de épocas e cronistas, o autor sintetiza a essência imutável da crônica, seus aspectos a) mágico, “a magicidade da crônica está presente mesmo nos textos em que a atmosfera política torna o diálogo com o leitor mais referencial.” (SÁ, 1987, p.19); b) pitoresco, “a busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade.” (SÁ, 1987, p.23); c) breve: “A crônica é, pois, uma narrativa curta por excelência, uma “conversa fiada”, como dizia Vinicius de Moraes, mas que recebe um tratamento literário, mesmo que não seja considerado ficcional.” (SÁ, 1987, p. 28)

A ideia de brevidade é também trabalhada por Candido em “A vida ao rés-do-chão”, já aqui, o autor usa o termo “tom de comentário” para designar a escrita do gênero, diz que a crônica assume um ar de “coisa sem necessidade” e “composição meio solta” (cf. CANDIDO, 1992), pela qual fala diretamente sobre e para com o cotidiano. Candido não diminui a potência da crônica ao elencar essas propriedades, pelo contrário, evidencia, assim, o quão longe ela pode chegar:

É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem a maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos dos homens, mas podem levar longe a crítica social (CANDIDO, 1992, p.17)

Outro aspecto essencial a respeito da estética da crônica está no uso recorrente do humor quando Candido diz: “aprende-se muito quando se diverte” (cf. CANDIDO, 1992, p.19), explicando que esses traços constitutivos viabilizam o diálogo tão eficaz entre aquele que escreve a crônica e aquele que a lê – ou, como melhor disse Sá, aquele que a co-escreve. “Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intelectual a visão humana do homem na sua vida de todo dia.” (CANDIDO, 1992, p.19). Candido igualmente sugere a função dialógica da crônica, ao afirmar que ela se ampara num diálogo “rápido e certo”, ou até mesmo “uma espécie de monólogo comunicativo” (cf. CANDIDO, 1992, p.19)

Para melhor entender a utilização do humor na crônica, recorreremos à dissertação de Chapola, “Crônica: um retrato bem-humorado do tempo presente”. Nela, o autor retoma conceitos tais quais a leveza na forma de escrever e a polissemia no uso da linguagem, contudo é o humor o verdadeiro objeto de análise do autor. “Pelo humor, o cronista marca a sua presença na construção de uma narrativa que se torna [...] atraente, leve e repleta de significados.” (cf. CHAPOLA, 2016, p. 17). Chapola já introduz o tema ficcional, que, mais à frente, será melhor debatido pelo artigo, mostrando que é ele, em igual medida, um componente que possibilita a inserção da crítica nas crônicas, “o humor e a ficção [...] criam efeitos de sentido reveladores do cotidiano e do contexto histórico que alcançam alto impacto nos leitores, produzindo visões críticas da realidade.” (cf. CHAPOLA, 2016, p. 88).

Em sua dissertação, Chapola discorre sobre os mecanismos discursos literários dos quais a crônica se vale textualmente. Além do humor, a ironia e a aproximação da crônica com a ficção, somam, a seu comprometimento com a “temporalidade histórica”, o seu caráter híbrido, conforme já reconhecido pela teoria geral. Chapola define a estrutura das crônicas da seguinte forma: um gênero aberto a qualquer temática, livre para qualquer abordagem, convidativa a todo tipo de linguagem textual.” (cf. CHAPOLA, 2016, p. 10).

Não obstante, Chapola faz considerações relevantes a esse artigo no tocante à função puramente jornalística da crônica, que, pelo riso, pela ironia ou pelo lirismo ao olhar a realidade, informa. “Pela crônica, provou-se ser possível levar ao leitor muito mais do que a mera diversão que propunha desde sua origem, mas também a informação.” (cf. CHAPOLA, 2016, p. 87). Ou seja, a crônica não abandona sua especificidade informativa mesmo quando sua finalidade não é opinar sobre um dado fato. Isso acontece porque a crônica, apesar da sua flexibilidade e versatilidade – tanto em forma quanto em conteúdo – ela está inserida no universo jornalístico, que se coloca a serviço de informar os leitores a respeito da vida pública cotidiana, e, por vezes, oferecer-lhes a elaboração de um pensamento crítico sobre o fato noticiado, isto é, uma opinião.

Tanto é assim que o jornalismo, nas suas muitas configurações, apresenta-se intensamente ligado aos mais variados temas, como a política, a cultura e economia, por exemplo. Portanto, tenha um caráter mais informativo ou mais opinativo, o jornalismo não pode ser jamais uma atividade estanque aos fatos sociais. (CARMO, 2006, p. 67).

Conforme colocado por Carmo na citação acima, o jornalismo se dispõe a, além de informar, traçar caminhos para que o leitor se identifique (ou não) com opiniões formuladas por articulistas e cronistas, formando a composição opinativa do jornal. Tratando dos assuntos anteriormente noticiados em uma camada mais ampla de reflexão, a partir da sua essência problemática, o cronista fornece aparato para que o leitor se posicione diante desses acontecimentos.

Considerando-se a constatação de que a crônica deriva de um segmento de relevo opinativo no contexto dos jornais, e, assim, valendo desse papel dentre diversos e distintos assuntos, é natural que um deles seja o debate de acontecimentos da esfera social e política. Não somente uma possibilidade, como é de responsabilidade do jornal tratar de temas comuns de interesse público. Uma das formas de imersão à complexidade dos fatos é a crônica. Posto isso, afirmamos o seguinte: O gênero da crônica apresenta, em seu conteúdo, sua própria nuance crítica, ainda que de formulações aparentemente simples ou formas disfarçadas pelo humor, pela casualidade ou por uma divagação repleta de lirismo.

Retomando todos os conceitos até aqui desenhados, Arrigucci, em seu livro “Enigma e comentário” (ARRIGUCCI, 1987), resgata discussões essenciais acerca do gênero. Arrigucci explica que a crônica assume diferentes roupagens na hora de ser apresentar como texto: sua prosa pode assumir uma identidade lírica, subjetiva e poética, “mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada”, ou uma identidade de ficção, pela recriação de um mundo que passa pela imaginação do cronista, podendo se confundir com o “conto, a narrativa satírica e a confissão”, ou até mesmo num texto “difícil de classificar” (ARRIGUCCI, 1987, p. 46)

No capítulo “Fragmentos sobre a crônica”, o autor sintetiza algumas das concepções centrais acerca do gênero, que deram razão à pesquisa que gerou o presente artigo. Arrigucci não esquece de explicar a origem da palavra crônica, que remete ao grego “chronos”: “trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido.” (ARRIGUCCI, 1987, p. 51). E nessa passagem temporal, uma representação de eventos já acontecidos, um “registro da vida escoada”, a crônica encontra o seu espaço de contar não somente uma história, mas ajudar a narrar a História. (cf. ARRIGUCCI, 1987, p. 51)

Conforme anteriormente discorrido, a proximidade com o leitor é um ponto chave para se entender a efetividade da construção textual das crônicas. A comunicação direta entre cronista e leitor confere à crônica o ofício da “observação

dos fatos da vida cotidiana”, na qual houve uma “decisiva incorporação da fala coloquial brasileira” (ARRIGUCCI, 1987, p. 62). Outra questão que Arrigucci reforça diz respeito às fronteiras instáveis, como ele assim denomina, que são as fontes das quais a crônica bebe seu conteúdo. O autor traça duas trajetórias: a) o fato, que produz uma circunstância imediata e, portanto, estabelece um vínculo jornalístico; b) a circunstância corriqueira e efêmera, que se refere a um assunto tênue. Sendo assim, segundo Arrigucci, “o histórico e o ficcional se confundem, ao mesmo tempo que uma poesia inesperada espia através dos fatos da memória.” (ARRIGUCCI, 1987, p. 54). Pode-se pensar, então, que o hibridismo observável na crônica em transitar por dois distintos segmentos (a literatura e o jornalismo), mas também no fato de, em sua forma estrutural, permitir que discursos comumente tidos como independentes e que atuavam em seus respectivos campos, coexistam e, na verdade, se complementem. Nessa primeira fase de conceituação da pesquisa, podemos concluir as ideias centrais acerca do gênero com a seguinte citação de Arrigucci, para que então possamos adentrar às questões estruturais na construção textual da crônica, que, dentre tantas finalidades, propõem um relato fiel da realidade ao contar a história sob seu ponto de vista – o olhar atento dos cronistas:

Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. (ARRIGUCCI, 1987, p. 53)

Para realizar a análise das crônicas de Antonio Prata, visitemos a teoria que aborda os discursos histórico e o ficcional, o que abarca Umberto Eco, no texto que organizou as seis conferências que o teórico realizou em Harvard chamadas “Seis passeios pelos bosques da ficção”; Walter Mignolo por sua fala no simpósio “Literatura e História na América Latina” e o artigo “Confluências entre os discursos histórico e ficcional”, de Nubia Jacques Hanciau.

Esse referencial de textos reunidos nos ajudou a identificar de que forma a crônica transita entre diferentes discursos, sem prejuízo das características canonizadas e sem cair na pretensão de instituir a versão final dos fatos. Na compreensão da propriedade híbrida da crônica, é possível demonstrar que não se trata de um texto estanque aos fatos da vida pública, mas sim em contínuo diálogo com ela, justamente por sempre falar do cotidiano. O que difere a crônica das notícias ou artigos opinativos é a sutileza com que constrói suas críticas, podendo transitar livremente entre as formas de abordagem, permitindo moldar-se a perspectivas menos óbvias ou engessadas. Também interessa evidenciar os pequenos

fragmentos de ficção encontrados na crônica, cumprindo uma função diferenciada no âmbito dos elementos factuais nela expressos. Observa-se uma elaboração estrutural específica que produz um retrato do real e que constrói, finalmente, uma reflexão crítica acerca do tempo presente.

“[...] história quer dizer narração de fatos notáveis, ocorridos na humanidade; numa segunda acepção, enredo, trama, fabula. Ficção identifica-se com fingimento, simulação, invenção de coisas imaginárias. O cruzamento dessas significações apresenta-se, nos moldes da arte, em possibilidade de criar um espaço capaz de simular a verdade da vida social de modo bem mais convincente e esclarecedor do que pode ser alcançado nos relatos factuais.” (HANCIAU, 2000)

Hanciau questiona se existe uma divisão nítida entre os discursos e se seriam eles, de fato, opostos. Ambos discursos têm vinculação com a verdade – uma verdade que quer ser estabelecida. Possivelmente esses discursos se complementam, constituindo, juntamente, os fatos propriamente ditos, pela amplificação dos relatos, não mais unilaterais e antagônicos, mas sim pela soma dos olhares acerca da realidade.

Ao longo da historicidade humana, a história enquanto disciplina, vista como discurso estritamente científico e estático, foi-se moldando como a versão oficializada acerca dos fatos. E o objetivo da autora não é desmenti-la, mas lembrar que todo relato recontado sofre inevitavelmente suas alterações e prováveis perdas de detalhes. A fronteira que delimita o que é estritamente verídico ou inventado é mais tênue do que se acreditou por longo tempo. Daí o debate levantado que deu nome ao texto de Hanciau: as confluências entre os discursos (histórico e ficcional), que não são excludentes e sim complementares. Sendo assim, um discurso puramente objetivo pode falhar ao referenciar fatos da mesma forma que, em contrapartida, o discurso subjetivo dos textos ficcionais ser capaz de traduzir com coerência fatos observados, ou, quem sabe, vivenciados.

Ainda sob esse argumento, Mignolo discorre sobre o discurso histórico estar comprometido em dizer a verdade, pautando-se assim no pacto previamente estabelecido, a convenção da veracidade: “o discurso que se enquadra na convenção de veracidade assume uma relação de correspondência entre o discurso e o mundo” (cf. MIGNOLO, 2001, p. 125). Enquanto o discurso que se vale da convenção da ficcionalidade pode livremente romper a relação de referencialidade do texto com o mundo, ou melhor, com a realidade que se verifica no mundo. O discurso historiográfico está intimamente ligado à concepção de se adequar à convenção da veracidade, fazendo dela uma condição necessária. Trata-se de um

comprometimento pré-estabelecido, ainda que nem sempre o seja alcançado precisamente. Por outro lado, o discurso que utiliza de formas ficcionais não está sujeito a esse comprometimento, fato este que não impede a correspondência, em última instância, da realidade que se verifica no mundo. Como no caso da crônica, assumindo a liberdade de construir formas ficcionais para comentar o cotidiano, através de seu discurso híbrido, consegue de forma eficiente e ainda que despretensiosa, veicular a verdade de um tempo, comentar o presente sob um olhar fidedigno, ou melhor, construir um olhar crítico acerca do tempo presente.

Muitas vezes, a separação entre o discurso ficcional e o discurso histórico construiu, ao longo do tempo, uma visão estereotipada de cada um deles, creditando total e inquestionável veracidade a um, e questionando qualquer grau de verdade noutro. A novidade vem pela ideia de que as peças ficcionais podem veicular as verdades de um dado tempo histórico, isto é, ela é fiel ao que se presta relatar, e podem ter seu mérito e credibilidade em si mesmas, ainda que sem o estatuto reservado à História, na reconstituição dos fatos.

Assim como a literatura ao longo dos séculos tomou a tarefa – ou esta foi imputada a ela – de coletar algumas verdades universais do ser humano, de costumes e épocas, podem assim também fazê-lo os textos curtos que são as crônicas. São pequenos e valiosos recortes que, possivelmente por conta dessa propriedade específica, conseguem alcançar um grau de minuciosidade e contundência que causa admiração, e deixam até mesmo o leitor mais contestador sem palavras.

Hanciau aponta que a própria historiografia foi se tornando cada vez mais plural, pelo enriquecimento das abordagens textuais. Parafraseando Alfredo Bosi, Hanciau explica que há uma recuperação do passado histórico pela articulação da memória que é manifestada na vida social mediante a linguagem. (cf. HANCIAU, 2000). Dessa forma, o cronista sob o ofício de escrever sobre o cotidiano, está diretamente tecendo a memória da realidade social coletiva, está contando a História. E por mais irrefletida que seja a atitude do cronista em ser lido para além da semana em que escreveu a crônica, ele na posição de escritor conscientemente faz uso de recursos estilísticos, narrativos e discursos para chegar no efeito de sentido desejado e ser capaz de escrever sobre o que escreve – no caso, a realidade social.

Hanciau contribui reforçando a ideia de que, no contexto pós-moderno, essas duas esferas (historiografia e ficção), “dividem o mesmo ato de refiguração ou remodelamento da experiência de tempo por meio de configurações da trama”, isto é, “o sentido e a forma não estão nos *acontecimentos*, mas nos *sistemas* que transformam esses ‘acontecimentos’ passados em ‘fatos’ históricos presentes (HANCIAU, 2000, nota de rodapé)

A reunião de crônicas escritas num certo período ajuda a retratar um panorama dos momentos políticos desenrolados no país, de forma a criticá-los ou tão-somente apontar suas deficiências ironicamente, despertando um riso tragicômico ao escancarar a condição do cidadão brasileiro frente a instabilidades.

São as microficções que não retiram da crônica a objetividade, pelo contrário, reforçam-na esse caráter. (cf. CHAPOLA, 2016, p. 88) Esses recursos potencializam a objetividade do que está sendo contado, de acordo com Chapola, como é o caso do traço ficcional e do humor.

A conclusão proposta por Chapola é de que, pela crônica, tem-se uma narrativa do tempo histórico no presente. “A crônica sobrevive porque humaniza experiências. E com humor, vai contando a história, da maneira que acha que ela deve ser contada.” (CHAPOLA, 2016, p.89). Entendemos que o cronista não somente conta a História, como o faz de forma mais aproximada possível e estrategicamente pensada, fazendo uso dos recursos dispostos pela literatura sempre que necessário, sem perder seu laço com a realidade, e mais, com a verdade.

Umberto Eco entende que até mesmo as histórias ficcionais, como no caso das pequenas narrativas introduzidas frequentemente pelos cronistas em suas crônicas, precisam do mundo “real” como pano de fundo, da mesma forma que as consideradas verídicas. Sendo assim, sempre se parte de um espectro do real: toda história encontra no real sua referência, a partir da qual tenta explicar a realidade. Nessa sutileza dos trechos ficcionais – até onde se sabe, e não podendo se comprovar o contrário caso o cronista afirme que de fato aconteceu – é que muitas vezes aparece o caráter crítico e reflexivo da crônica, por onde nosso vínculo quase que emocional com o cronista é estabelecido, nossa credibilidade para com o relato é atribuída e o cronista pode ter sua liberdade de transitar entres os mundos e discursos, por onde confere validação da sua voz discursiva, de sujeito real e cidadão comum, de humano em seu mais puro sentido, mas também de escritor e, conseqüentemente, criador de ficção.

Quando pensamos em termos de ficção, existe uma multiplicidade de sentidos dispostos pela palavra, e cabe ao leitor julgar quais são as escolhas mais razoáveis ou não a serem feitas, respeitando, é claro os limites da interpretação, conforme alerta Umberto Eco,

“Ao caminhar pelo bosque, posso muito bem utilizar cada experiência e cada descoberta para aprender mais sobre a vida, sobre o passado e o futuro. Sem embargo, considerando que um bosque é criado para todos, não posso procurar nele fatos e sentimentos que só a mim dizem respeito”. (ECO, 1994, p.16)

É justamente a explicação da metáfora que dá nome ao livro: como num bosque, o leitor deve, a todo momento, fazer uma escolha ou supor a escolha que o autor/narrador fez diante do não-dito, ou seja, qual o caminho escolhido e mais coerente em que a história continuará, afirmando que o leitor “é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história” (cf. ECO, 1994, p. 7)

Relacionando ao foco de atenção do artigo, o uso de pequenas narrativas é uma das estratégias literárias encontradas comumente no gênero da crônica, principalmente daquela que, dentre outros fins, produz efeito de sentido crítico ou reflexivo. Pois, através da ficção (ou da sugestão de ficcionalidade) no corpo do texto, artifícios como a metáfora, a ironia e o gancho cômico são possibilitados, e, juntamente, ajudam a construir caminhos para que a crítica acerca da vida pública, seja ela de viés político ou endereçada ao coletivo social seja inserida. E não somente isso, é por esses curtos casos que acontecem na vida do cronista que o leitor primeiramente se aproxima, provavelmente se identifica em algum grau com o cronista e, principalmente, confia no que está sendo dito ali.

“[...] ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo.” (ECO, 1994, p. 93)

Tendo isso em mente, analisaremos a crônica intitulada “Luz por todos os lados”, publicada em 28/10/2018. Nela, Antonio Prata faz uma breve divagação sobre a vida adulta, seus ganhos e o sentimento em relação ao que possui nessa fase da vida. O que despertou esses pensamentos no cronista foi a observação de uma simples fruteira da mesa de sua casa, onde vive com sua mulher, filhos e amigos que os visitam “para os almoços de domingo”. A partir daí, Prata segue falando de coisas triviais do cotidiano à sua volta, lembranças da juventude e de pessoas para ele especiais, como seu amigo Paulo. O cronista então conta que a fruteira foi um presente de casamento do casal de amigos “pais do Dinho, outro amigo do peito”, continua contando pequenas circunstâncias da sua vida pessoal. Por fim, Prata diz estar pensando muito no passado e enxergando “os contornos do dia a dia com aflitiva nitidez”, atitude típica de um cronista. O cronista percebe que, por ter essa família, amigos, e essa fruteira no centro de seu apartamento, “a luz entra por todos os lados”. Ele usa dessa metáfora para dar sua tacada final após uma despreocupada crônica – o cronista conclui: A sombra do fascismo está nas ruas, qualquer que seja o resultado das eleições, a sombra crescerá. Lutaremos incessantemente pelo respeito à lei — e, não menos importante, pelos almoços de domingo”.

É interessante a forma com que Antonio Prata constrói seu texto de forma lírica e pessoalizada e apenas no final insere um olhar crítico da situação política do país, mais especificamente sobre as eleições, que, no dia em que a crônica fora publicada, às 2h da manhã, o segundo turno aconteceu no mesmo dia, um domingo. Através de uma frase curta e subjetiva, *a luz entra por todos os lados*, mero detalhe inventado pra compor a mensagem ou fato evidente na casa do cronista, ficcional ou literal, é através dessa metáfora que Prata costura a crônica numa só ideia e sugere a última antítese esperançosa antes dos resultados do árduo segundo turno: se a sombra está nas ruas pela incerteza do que virá com o resultado das eleições, há luz, ainda, na casa, história e cidadania do cronista. Dessa forma, por meio de uma linguagem lírica, as colocações de sua vida privada, de sua memória passada, e de suas impressões atuais, aproximam o leitor pela empatia, artifício pelo qual o leitor facilmente se sente no lugar do cronista. Este, por sua vez, em sua habilidade com as palavras e ofício de narrar o cotidiano, parece conseguir transcrever uma emoção coletiva, uma verdade que paira sobre o que acontece no país nesse dado momento, ou ao menos a sensação compartilhada de grupo específico, o que já compõe um considerável número de pessoas, e consequentemente representa um recorte válido da realidade, e resultando num ponto de vista crítico em relação a essa realidade observável.

Os dispositivos de interação entre leitor e cronista usados por Prata na crônica anterior podem ser verificados na teoria de Eco. Ainda que sutilmente, Eco aponta o pacto de veracidade disposto entre o autor e o leitor do texto, sem o qual não aconteceria o envolvimento entre os sujeitos da comunicação: o detalhe de haver uma fruteira no centro da mesa da casa do cronista, insere o leitor em seu cotidiano particular, e pela imersão das descrições de suas memórias, inventadas ou não, o leitor compartilha cada vez mais o cotidiano do cronista, por identificação ou pura empatia. O que está sendo contado pelo cronista é naturalmente validado, não há motivo para que seja desacreditado. E no fim, ainda que componha a liberdade da qual os recursos literários desfrutam, existe uma verdade ali veiculada.

“Acreditamos que, no que se refere ao mundo real, a verdade é o critério mais importante e tendemos a achar que a ficção descreve um mundo que temos de aceitar tal como é, em confiança. Mesmo no mundo real, todavia, o princípio da confiança é tão importante quanto o princípio da verdade.” (ECO, 1994, p. 95)

A confiança estabelecida no momento da leitura, ou melhor, entre o cronista e o leitor, é decorrente dos recursos e estratégias discursivas moldadas no texto em si. E fica perceptível na construção de Prata os fins de uma crônica bem escrita: o diálogo direto com o leitor, o

efeito de sentido alcançado, a mensagem efetivamente transmitida. As atribuições de nome, as indicações de tempo e data, servem a reforçar o contato do leitor para com o cronista, leitor este que se aproxima cada vez mais do cotidiano particular e confere validade ao que o cronista relata – não há motivos para questionar se o que ele está contando de fato aconteceu, na realidade para a o momento da leitura não faz diferença alguma, mas sim ajuda a reforçar o vínculo entre cronista e seus leitores: esta é a estratégia na inserção de microficcões. Para fins práticos, não importa se Prata tem de fato um amigo chamado Paulo, ou se a fruteira que tem na sua casa foi mesmo um presente dos “pais do Dinho”. As descrições apresentadas ajudam a compor a crônica do cotidiano, especialidade de qualquer cronista. E, assim, crescem à curta narrativa envolvendo o leitor de uma maneira natural. Mais ainda, mostram que, sem pretensão – ou sem declarada pretensão – o cronista é capaz de deixar seu ponto de vista crítico acerca da realidade, de forma sensível e pontual.

Eco afirma ser a ficção a ferramenta pela qual “exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente.” (cf. ECO, 1994, p. 137). Nessa estruturação do passado histórico e do presente em vigência, o sujeito cronista realiza uma ponte de sentidos primeiramente não reconhecidos, justamente por reunir os detalhes que passam sem a devida atenção midiática, e, assim, coleta os fatos acontecidos e diz mais do que a princípio se imaginaria ser possível dizer. Construindo, enfim, uma narração real do retrato atual, como no caso da crônica “Luz por todos os lados”, do sentimento coletivo em relação ao resultado das eleições gerais.

Continuando nessa perspectiva de análise, vejamos a crônica “Futuro do pretérito”, publicada em 03/03/2019, meses após o presidente eleito assumir o cargo e desenhar os primeiros passos de seu governo. Na crônica, existe uma reflexão sobre o significado de ser brasileiro, e brinca com a ideia consolidada de que o Brasil seria “o país do futuro”. Antonio Prata diz não amar o país em si, mas a projeção do que ele poderia ser, o cronista define: “Às vezes o Brasil é uma esperança, às vezes um delírio e na maior parte do tempo é apenas uma triste constatação”. Prata conjuga propositalmente o verbo “poder” no futuro do pretérito, fato que ele mesmo explica na crônica, o Brasil é aquele país que tem tudo para dar certo, mas nunca deu. Nesse jogo de palavras, ainda deixa por entender que o *futuro do pretérito* é o rumo que o país sempre leva: aquilo que poderia ter acontecido, e não aconteceu; tudo o que poderia ter sido, mas nunca foi. Conforme coloca Prata, “uma projeção do que o país poderia ser se...”, e o uso da preposição *se* é repetido para dar ênfase nas potencialidades nunca alcançadas, pois o verbo é sempre conjugado no futuro do pretérito, o Brasil nunca é o que poderia ser, nunca foi o que poderia ter sido.

O cronista então emenda contando o caso de seu amigo Gustavo ter mostrado a ele, outro dia, o anúncio de um apartamento à venda, com uma placa escrito “grande potencial

para reforma!”, metáfora que designa a constituição do Brasil. No uso dessa metonímia, Prata segue descrevendo as dificuldades e deficiências do país: “Sob nosso formoso céu, risonho e límpido, há chacinas e tráfico de drogas, desvio de dinheiro e gente morrendo nos hospitais por falta de remédios”, o que serve como gancho para comentar recentes pronunciamentos do então ministro da Educação, pedindo aos jovens que declarassem amor à pátria, através dos alunos repetindo o slogan do governo nas escolas, e filmá-los. Prata defende que não é possível adotar essa posição sem questionar o passado histórico do país e suas “feridas abertas, as suas heranças nefastas”, e que essa exigência é no mínimo cruel vinda de um “governo que ainda não fez nada para apoiá-los.

Dito isso, podemos observar que mais uma vez Prata usou um dado do cotidiano como referência e, mais do que isso, atribuiu uma metáfora a esse dado de forma a sustentar seu argumento, a mensagem da crônica. Seu amigo Gustavo pode tanto tê-lo mostrado a placa com a frase “grande potencial para reformar” quanto não, Prata pode tão-somente ter formulado tal construção frasal para incrementar seu texto, nessa sutileza típica do gênero. Outro fator interessante em “Futuro do pretérito” é a ponte que o cronista constrói entre a herança histórica do país com a atualidade e seus desdobramentos, Prata entende ser importante resgatar a lembrança do passado para desenhar o presente, e o futuro. E, pela escrita de suas crônicas ele também deixa sua contribuição à história do país, ou melhor, à versão narrada dessa história, em forma de discurso.

Além disso, Prata desempenha a atitude reflexiva sobre a realidade, mais uma vez, de maneira crítica na crônica descrita. Ele faz um comentário sobre um fato veiculado na mídia e reflete sobre o passado, o presente e o futuro do país. Tudo isso agregando referências pessoais do cotidiano à curta narrativa. Essa abordagem mista ao pensar sobre a realidade, assumindo sua inerente complexidade, perspectivas múltiplas e fatos que se inter cruzam, relembra uma concepção delimitada por Eco em uma de suas falas: “se a atividade narrativa está tão intimamente ligada a nossa vida cotidiana, será que não interpretamos a vida como ficção e, ao interpretar a realidade, não lhe acrescentamos elementos ficcionais?” (cf. ECO, 1994, p. 137). A amplitude de análise que essa liberdade discursiva permite é verificável no texto de Antonio Prata, no qual dados da realidade se confundem aos fragmentos postos estrategicamente pelo cronista afim de gerar os efeitos de sentido pretendidos.

Prata reconhece a importância de se ancorar o real para chegar à mensagem que procura transmitir, fazendo, assim, um retorno necessário a uma referência de seu dia-a-dia, somada à sua percepção sobre fatos da esfera pública, que o fazem refletir sobre o cenário social/político atual e resultam num comentário crítico acerca da realidade que o cerca, e, mais ainda, ajudarão a compor o escopo desse momento atual, colaborando para a reconstituição histórica do tempo presente. Mas não somente numa leitura futura, como

primordialmente constrói o olhar crítico que se tece no dia em que a crônica é publicada, a respeito dos fatos que aconteceram naquela mesma semana, e que explica o contexto político de um ano, ou de um governo por inteiro, como é o caso das crônicas reflexivas/opinativas. É interessante pontuar que as crônicas dessa categoria descrevem o momento atual ao contextualizar os fatos em formas discursivas menos engessadas quando comparadas a outras presentes nos veículos de comunicação, tais como a notícia, a reportagem, e até mesmo a coluna. A vantagem da crônica é não ter a obrigatoriedade do comprometimento com a veracidade, nem de reproduzir a informação de maneira estática, ela basicamente pode se moldar à forma que melhor encaixar com a mensagem pretendida, confluindo os gêneros discursivos e as formas textuais. Servindo, também, como texto jornalístico, mas acrescentando os recursos literários e os artifícios que partem de pactos discursivos distintos (a veracidade e a ficcionalidade), não se restringindo a um deles, somente.

A próxima crônica analisada, “E se?” foi publicada em 31/03/2019. Antonio Prata conta de uma festa que esteve presente, na qual encontrou seu amigo historiador e teve junto a ele uma conversa sobre a falta de lógica e previsibilidade com que a história se desenrola. Nessa conversa não formal num contexto de festa, Prata e seu amigo historiador refletem sobre os rumos que o país tomou nos últimos anos e se a configuração atual poderia ter sido evitada, levantando os principais acontecimentos do cenário político, desde 2013, elencando-os como fatores de uma só narrativa. O amigo historiador do cronista trata a história análoga a uma partida de sinuca, em que as bolas rolam soltas sem destino certo ou explicação que una os acontecimentos numa lógica fechada de causa e consequência. Prata termina contando que encara seu amigo e o questiona do porquê ser historiador afinal, ao que ele responde não saber e ter vontade de abrir uma pousada e largar tudo, Prata prossegue “Dou um gole na cerveja, respiro fundo, vejo uma nova e inesperada bola de sinuca rolar sobre o feltro verde do meu futuro próximo e ouço sair da minha boca: ‘Se precisar de um garçom...’”. Concluindo a crônica com certa ironia pessimista, traço comum nas crônicas que se referem ao governo, ou ao cenário político-social como um todo.

Nessa crônica, Antonio Prata reúne diversos recursos que já discutimos anteriormente, tais como o uso da microficcção, do humor, da riqueza de detalhes na descrição da cena, e dos diálogos que sustentam essa curta narrativa. Aspectos estes que novamente reforçam a aproximação/imersão por parte do leitor, e o envolve no que está sendo contado. Esses artifícios, como é esperado do gênero, são abordados de forma natural e descontraída na crônica, o que, conforme dito no artigo, favorecem a leitura, a interação com o leitor e a possível crítica que se pretende construir. Na crônica “E se?” o cronista constrói o contexto de uma festa informal: aqui, Antonio Prata cria a situação da festa para falar de questões históricas, usando a voz legitimadora do amigo historiador, que confere autoridade no assunto

e ajuda a desenrolar os questionamentos apontados pelo cronista. É por meio da troca proporcionada pelo diálogo, repleta de considerações e apontamentos feitos tanto pelo amigo quanto pelo próprio cronista, que informações acerca da história e dos mais recentes acontecimentos são veiculadas. A situação informal da festa permitiu o diálogo trivial de fácil referencialidade ao plano real cotidiano, todavia, serviu como recurso do cronista para abordar, em última instância, uma reflexão crítica sobre a história, sem perder o cunho humorístico, marca característica de Prata. Na crônica, questões históricas e de importância pública surgem por intermédio do diálogo casual, juntamente à leveza e à sutileza, servem de gatilho à visão crítica colocada ironicamente, pela falta de certeza sobre o que o futuro reserva, nesse emaranhado de fatos históricos que se misturam feito uma partida de sinuca.

Eco explica melhor o uso do dispositivo ficcional e a riqueza de caminhos que ela possibilita, por exemplo o ato de adentrar uma ocasião particular, os diálogos e os detalhes que a compõem, como é o caso de se sentir presente no contexto narrado por Prata, a festa com seus amigos, as conversas ali acontecidas e as reflexões que surgiram disso. “Em cada declaração que envolve nomes próprios ou descrições definidas o leitor ou ouvinte deve aceitar a existência da entidade sobre a qual se afirma alguma coisa.” (cf. ECO, 1994, p. 105). O ponto é que descrever uma situação comum do cotidiano, de fácil identificação, dá a abertura para o cronista chegar a qualquer que seja sua intenção, se houver uma. E, assim, Prata mais uma vez discorre sobre a realidade pública do país, de forma sarcástica e bem-humorada, seus principais traços. Conforme visto, o cronista demonstra versatilidade nas formas que escolhe utilizar para escrita das crônicas que veicula, entretanto, alguns recursos dos quais faz uso apresentam frequência explicada pelo que parece ser uma de suas finalidades: o princípio de uma reflexão, de uma análise crítica da realidade, disposta no final das crônicas. É justamente este o interesse do presente artigo – identificar com que frequência a crônica retrata a realidade numa perspectiva crítica/opinativa, e não somente descontraída, leve, trivial. Parece exercer, a crônica, atitude reflexiva de temas mais globais, como a esfera política e seus acontecimentos, principalmente, ao relatar os últimos desdobramentos veiculados pela mídia, e, dessa forma, contar a história sob um ponto de vista não usual, que supõe não ser o tradicionalmente ouvido.

Na última crônica selecionada para análise, “Polemizando a controvérsia”, publicada em 28/07/2019, já seis meses passados desde a cerimônia de posse do presidente eleito, são elencados momentos em que declarações do atual governo geraram repercussão acentuadamente negativa na imprensa. Diferentemente das crônicas anteriores, “Polemizando a controvérsia” se coloca a favor de reportar a realidade partindo do pacto da veracidade, isto é, está comprometida com a atitude de exatidão que a veracidade se propõe produzir. Usando de fatos verificáveis e notícias veiculadas na mídia como ponto de

referenciação, Prata critica a articulação dos próprios veículos de comunicação – até mesmo do jornal para o qual escreve – na cobertura das declarações do presidente e das ações do atual governo.

Prata contesta a abordagem com que os veículos de comunicação têm denominado tais pronunciamentos do presidente (como desmentir os dados do Inpe sobre o desmatamento na Amazônia, chamar os governadores do Nordeste de governadores “de Paraíba”, entre outras falas), o cronista entende que definir tais declarações como “controversas” ou “polêmicas”, conforme comumente são tratadas, é normalizar absurdos, e mais do que isso, legitimar supostos dois lados da moeda, quando, na verdade, “batizar uma mentira de “polêmica” é dar 50% de credibilidade para o fato, 50% para a fraude. Os termos não são apenas vagos, eles deturpam a realidade que o jornalismo precisa reportar”, de acordo com o cronista. Como contraponto a tal imprecisão de fatos e denominações, Prata aconselha aos veículos que usem os adjetivos exatos para dar nome às declarações e posicionamentos que não estiverem de acordo com a verdade, nomeá-los pelo o que são: quer sejam falsos, preconceituosos, abusivos, e assim por diante, segundo concepção do cronista.

Para respaldar sua leitura crítica, Prata resgata dados estatísticos que comprovam a inveracidade das declarações do presidente, demonstrando, assim, os números oficiais, ancorando links que redirecionam a reportagens mais complexas sobre o tema, além da sua bagagem crítico-reflexiva (sua visão de mundo), no seu posto de jornalista/cronista/escritor. Prata ainda faz um chamado direto à profissão jornalística e aos veículos de comunicação para que se atentem a essa tendência que relativiza a deturpação dos fatos. O cronista sintetiza: “Se o mundo está ficando louco, não convém à mídia enlouquecer para acompanhar a tendência”, e defende que assim como a ciência e a arte, igualmente está a imprensa na busca pela verdade, portanto que ela “não tenha medo de reportar a mentira, a ofensa, a burrice e o autoritarismo nos próximos três anos e meio”, conforme conclui o texto.

É importante ressaltar o contraste desse último texto em relação às outras crônicas analisadas: enquanto aquelas partiam da liberdade textual não comprometida com a veracidade, “Polemizando a controvérsia” toma outro rumo: lê a realidade apoiando-se na concretude dos fatos, referenciando-os para então falar acerca deles. A abordagem escolhida por Prata foi essencial para se firmar em um terreno fixo, assumindo a relação de correspondência entre “o discurso e o mundo” (cf. MIGNOLO, 2001, p. 125), como entende Walter Mignolo. Portanto, Prata prefere, dessa vez, entrelaçar sua escrita à exatidão com que os fatos e dados narrados, aproximando-se até de outras formas jornalísticas, já que pretende realizar um comentário assíduo das questões do país, em relação à política, e também à influência midiática, assumindo o papel de escrever (também) a História, no sentido de narrar o tempo presente, agregando opinião e reflexão ativas. E, ainda assim, Prata usa metáforas,

metonímias e outros dispositivos discursivos da linguagem literária, fazendo com que o cronista siga desempenhando seu posto autônomo e diferenciado, aquele de testemunha ocular dos fatos, num registro do circunstancial, em tom de conversa: pelo humor, pela leveza, pela abertura ficcional – no ato de ler a realidade escrevendo sobre o tempo presente, numa visão crítica dessa mesma realidade.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentre as 53 crônicas selecionadas para leitura direcionada, constatou-se que 26 delas apresentam sugestão crítica em seu conteúdo – voltada ao cenário político, ao contexto social, ou à história do país como um todo. Estatisticamente, esse número corresponde, grosso modo, a 50% das crônicas escritas na faixa temporal escolhida (entre agosto de 2018 a agosto de 2019), ou seja, metade das crônicas veiculadas entre esses meses na Folha de S. Paulo, sob autoria de Antonio Prata, propõem a leitura ativa acerca do tempo presente, relendo a realidade numa perspectiva essencialmente crítica. A incidência constatada reforçou o interesse da pesquisa que gerou o presente artigo, orientando o tema na direção de entender de que forma a relevância dos acontecimentos no país se manifestava no conteúdo desses textos. Além disso, tomou-se conhecimento de que existem certas categorias observáveis recorrentemente, isto é, os tipos específicos que podem ser identificados, tais como a crônica lírica, metalinguística, cômica ou de costume. E que, o criticismo que buscamos destacar se adapta a diferentes categorias na escrita das crônicas, sendo principalmente através da divagação reflexiva que se ampara em um dado do cotidiano, de uma observação da realidade, ou do universo particular do cronista. Esses pontos de ancoragem surtiram a indagação da veracidade e da ficcionalidade reconhecível nas crônicas.

Mignolo propõe um olhar sobre a ficcionalidade e a veracidade no âmbito das convenções, assim, a linguagem seria empregada de acordo com tais convenções, historiográficas ou literárias, que afetam o uso da linguagem “por todos os membros de uma comunidade linguística” (cf. MIGNOLO, 2001, p. 123). Nessa perspectiva, Mignolo ressalta que a literatura, através do uso da linguagem, pode enquadrar-se na convenção da ficcionalidade, mas não se restringe a ela, argumento que este artigo procurou aprofundar. Para nível pragmático, isso quer dizer que há uma “configuração de papéis sociais ligados aos empregos da linguagem de acordo com as normas especializadas” (cf. MIGNOLO, 2001, p. 124), delimitada pela função que o autor de determinado texto exerce socialmente, influenciando o uso da linguagem com o qual este autor decide manejar o texto. A conclusão das discussões levantadas por Walter Mignolo encontra-se em dois pontos centrais que contribuem ao desenlace que o artigo encontrou sustentação. Primeiro, faz-se necessário o ato de identificar as convenções que orientam o emprego da linguagem e a distinção entre os

tipos (gêneros) textuais, e as configurações discursivas (os campos do saber), já que as fronteiras entre história e literatura realmente são difusas (cf. MIGNOLO, 2001, p. 133). E segundo, não deve ser esquecido o entendimento do plano pragmático que norteia e envia os discursos através dos interlocutores envolvidos. Este plano de interpretação diz respeito aos “projetos [...] que motivam os produtores de discursos a se voltarem na direção de elementos ou reforçar tais marcos [discursivos].” (cf. MIGNOLO, 2001, p. 134).

Portanto, a distinção entre as áreas de saber da História e da Literatura foi bem marcada, porém é possível repensar essas delimitações e compreender a crônica como uma forma híbrida, privilegiada em certo sentido pela liberdade na instrumentalização das convenções literárias e historiográficas. No estudo, foi possível entender que a não obrigatoriedade da crônica em estar comprometida com a veracidade permite a abertura fundamental à forma textual e aos conteúdos que a crônica pode escrever sobre. Dessa forma, o não comprometimento com o pacto da veracidade, e a possibilidade da ficcionalidade, formam um dispositivo capaz de facilitar à crônica o desempenho do seu caráter crítico, na construção de uma reflexão acerca da realidade, no ato de contar, também, a versão dos fatos, narrar a História, atentando-se sempre ao tempo presente.

#### 4. REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

CARMO, Valdemir Manoel do. *A argumentação e os processos retóricos no jornalismo opinativo*. 2006. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

CHAPOLA, Ricardo Antonio Casadei. *Crônica: um retrato bem-humorado do tempo presente*. 2016. 103 f. Dissertação (Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Acesso em: 27/02/2019.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HANCIAU, Nubia Jacques. *Confluências entre os discursos histórico e ficcional*. Disponível em: [http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2316/10\\_CONFLU%C3%84NCIAS%20ENTR E%20OS%20DISCURSOS.pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2316/10_CONFLU%C3%84NCIAS%20ENTR E%20OS%20DISCURSOS.pdf?sequence=1). Acesso em: 24/10/2019.

MIGNOLO, Walter. Lógica das Diferenças e Política das Semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de. (ORGS). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 115-161.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

**Contatos:** isa.thais.figueiredo@hotmail.com e [ana.trevisan@mackenzie.br](mailto:ana.trevisan@mackenzie.br)